

## “ARQUITECTURA PARA UM RENASCIMENTO URBANO EM LISBOA”

Apesar da dificuldade que todos os que lutam por uma cidade mais justa, mais humanizada, mais proporcionadora da vida, apesar das dificuldades que são muitas, dizia, temos assistido a um número cada vez maior de pessoas – de todos os quadrantes profissionais – que se interessam por esta temática:

- Ora porque tiveram contacto com o nosso trabalho e isso os encorajou (e nisto esta “Triennale” tem sido fantástica); Ora também porque, mesmo por vezes “com um pé atrás” em matérias que dizem mais respeito às questões estilísticas, reconhecem as vantagens inegáveis que, do ponto de vista ambiental ou social, mesmo económico, o modelo da cidade tradicional europeia representa, por comparação com outras, resultantes de experimentações e engenharias que tão maus resultados deram, no Século que passou e cujas consequências nefastas ainda vamos ter que suportar por mais algum tempo.

Abordando agora mais concretamente o tema desta minha conferência, devo começar por referir que, quando o título me foi sugerido, me senti um pouco apavorado.

De facto, “Urban Renaissance in Lisbon” é um tema que, pelo menos numa 1ª. análise, mais superficial, contém em si próprio um paradoxo – é que não há “Urban Renaissance in Lisbon”.

Claro que a cidade propriamente dita, isto é: o núcleo consolidado que se foi sedimentando até meados do séc. passado e apesar do esvaziamento habitacional do centro histórico, do excessivo tráfego automóvel e de todos os outros males (e mais alguns) de que padecem as cidades modernas, constitui ainda hoje um lugar agradável para viver. Tudo (ou quase tudo) o que se fez desde então só contribuiu para retirar qualidade de vida à Cidade criando, em alguns casos, situações muito graves do ponto de vista ambiental e sócio económico – isto muito particularmente nas periferias, afectando também as pequenas vilas da região e algumas de forma desastrosa, como Sintra, Cascais e outras, quase convertendo estes pequenos núcleos urbanos, plenos de vida própria e de riqueza locais – paisagísticos, arquitectónicos, culturais, etc... - em centros periféricos descaracterizados ou dormitórios. Alguns escaparam por pouco e procuram agora reparar os estragos – tarefa gigantesca que demorará anos e anos a cumprir e, mesmo que se consiga um resultado razoável, deixarão sempre cicatrizes irreparáveis.

Mas nem tudo são coisas más. Com efeito, assiste-se nos últimos anos em Lisboa – Eu diria, desde que se completou a reconstrução do Chiado, após o grande incêndio de 1985 – E dado que, portanto, assistimos a um “volte-face” absolutamente inesperado na opção urbanística que o seu autor – Álvaro Siza Vieira – adoptou (não sei se contrariado, mas pressionadíssimo pela opinião Pública, isso é certo) nesta operação urbanística de reconstituição não só do tecido urbano mas também dos edifícios pré-existentes.

E é pena termos ficado, neste aspecto, apenas por uma obra de fachadas, ou de cenários, se quiserem, sem qualquer consistência ou correspondência tipológica construtiva e de interiores, perdendo-se um dos aspectos mais significativos dos edifícios que arderam, de estilo pombalino, que é precisamente a sua estrutura anti-sísmica, designada “de gaiola”, para já não falar na quase total depuração decorativa que caracteriza os edifícios pombalinos, nomeadamente na caixilharia e ornamentação, sinalética que agora, pouco a pouco, se recupera, nos discursos oficiais e nos encontros profissionais.

Foi então que voltamos a ouvir falar de humildade, de respeito pela envolvente, pelo espírito do lugar – coisas impensáveis até então.

A partir daqui, os promotores imobiliários, percebendo a adesão que este tipo de ocupação urbana teve por parte da população, começou, embora ainda timidamente, a projectar e construir grandes empreendimentos que, preenchendo “vazios” no centro da cidade – nas melhores áreas, portanto – ofereceu às populações conjuntos de usos mistos – habitação, comércio e serviços – que, se repararmos bem, cumprem muito razoavelmente, pelo menos em teoria, com aquilo que o “Council for European Urbanism” defende, em matéria de urbanismo e que tão bem expressou na Carta de Estocolmo.

Nestes exemplos que aqui expomos cumprem-se escala, cêrceas, volumetrias, alinhamentos de rua; o comércio é constituído por lojas de rua – acessível directamente por estas, através de Galerias ou não -; Existem escritórios e habitação no mesmo edifício ou em blocos separados, mas sempre dentro do mesmo quarteirão.

Isto é:

- Está lá tudo! Cumpre-se tudo.

Mas, ... será que não falta nada? Não fica uma sensação de que, apesar de tudo, há qualquer coisa que não resulta bem? E o que será?

Em alguns dos casos aqui expostos, de facto, as populações não aderiram tão bem nomeadamente no da rua D. Pedro V e no de Alcântara.

Em 1º lugar, há que considerar um factor importante, nesta avaliação, e que é o sócio económico. Estes novos empreendimentos foram feitos para as classes médias – altas – Não há propriamente misturas de extractos sociais, são como que “ghetos” de ricos – e este é um aspecto em que claramente falham.

Depois, há outro tipo de questões que, na minha opinião, e embora sejam muito discutíveis e eu próprio não tenha grandes certezas sobre o assunto, contribuem eventualmente para este “feeling” de que qualquer coisa falhou – falo das questões que têm a ver com a opção arquitectónica – o estilo, se quiserem.

Onde é que está a imagem que temos da cidade de Lisboa nestas construções? Ou será que isso não importa?

As cidades têm uma imagem própria, uma personalidade, ou singularidade – Roma, Florença, Bolonha, Veneza, Paris, Londres, Barcelona, Lisboa, correspondem a imagens bem cristalizadas para nós todos. E o que é que compõe essas imagens ? Não é o conjunto das partes que faz o todo? Não é isto que nos têm vindo a dizer Nikos Sulingaros, Michael Mehafy e outros há já algum tempo? Não é isto também que nos tem demonstrado Atílio Petruccioli e Cláudio D’Amato, do Politécnico de Bari ? Não é isto que muitos de nós há muito intuimos e procuramos traduzir no nosso trabalho ?

É por isso que eu entendo que o “Estilo” conta! Há certamente uma, eu diria, quase infinita variedade ou diversidade de abordagens ou estilos que se adaptam à imagem que cada lugar possui e que, no seu conjunto, formam a Cidade diferenciada que todos apreciamos e reconhecemos como um valor a preservar.

Não há portanto limite para o exercício da criatividade, mas há certamente limites que têm a ver com o respeito pela população e com o Bom Senso.

O tipo, ou a tipologia que escolhemos, num projecto desta natureza, não é indiferente e menos ainda é a opção estilística, isto é, a escolha que achamos mais depurado quando desenhamos a fachada, os detalhes, mais adequados, mais modernistas ou mais ornamentados, mais tradicionalistas, ou quando doseamos um pouco de cada e reinventamos um estilo ou damos um passo em frente e melhoramos uma tradição.

Seja como for, estou certo de que deveremos ter presente a imagem da cidade, o contexto do projecto – do lugar, da cultura, da história. Sem isso, fracassamos em todos os níveis, mesmo no comercial.

Nos últimos exemplos que escolhi para V/mostrar, incluo dois projectos do nosso Atelier em Lisboa, um em construção, junto ao Museu de Arte Antiga – um edifício misto de habitação e comércio, e outro, cuja construção se prevê tenha início já nos próximos meses, junto à Academia Militar, antigo Paço da Rainha, uma área muito degradada da Cidade, no qual se prevê um conjunto de construções e uma renovação do tecido urbano, completando e dando continuidade aos elementos existentes no local. Neste projecto prevê-se uma grande variedade de usos – equipamentos públicos, serviços, comércio, habitação nova e reintegração de população de vários extractos sócio económicos. É um projecto em que também colaboraram 3 alunos da Escola de Viseu, num programa de férias de verão que organizamos no nosso Atelier.

A Lisboa falta agora entender e pôr em prática estes aspectos que mencionei, relativos à sua imagem própria, à sua identidade e, também, o que não é menos importante, pensar que as suas periferias se podem também ir recompondo da mesma forma, com os mesmos valores, como aliás se começa já a tentar, ainda com hesitação, em alguns locais, de que estes exemplos de Cascais poderão constituir um bom exemplo.

Uma última palavra para um factor que teremos todos que considerar, e que tanto temos de certa forma esquecido, na ânsia de bem fazer, e que é o TEMPO.

É o TEMPO que, por fim, nos dá ou não razão, que confere ou retira qualidade às obras de Arquitectura e mais ainda ao sucesso na Cidade e no Território de um modo geral

José Franqueira Baganha  
Lisboa, Setembro de 2004